

Comunidades criativas e democratização da saúde: um reolhar feminino

Comunidades creativas y democratización de la salud: una perspectiva femenina

Correia Woynaroski, Ione Rodrigues

 Ione Rodrigues Correia

Woynaroski

ioneintensiva@outlook.com

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Revista Kavilando

Grupo de Investigación para la Transformación
Social Kavilando, Colombia

ISSN: 2027-2391

ISSN-e: 2344-7125

Periodicidad: Semestral

vol. 16, núm. 2, 2024

revista@kavilando.org

Recepción: 02 octubre 2024

Aprobación: 20 diciembre 2024

Doi: [10.69664.kav.v16n2a516](https://doi.org/10.69664.kav.v16n2a516)

Resumo:

A insustentabilidade planetária suscita reflexões sobre a globalização, o imperialismo, o colonialismo e o impacto da epistemologia eurocêntrica patriarcal na construção científica. O pensamento decolonial surge provocador e pede investigações sociais reflexivas que valorizem as vozes das pessoas que edificam suas territorialidades. Levando-nos a propor um relato de experiência descrevendo 10 anos de pesquisas sobre Comunidades Criativas, com o objetivo de refletir como as vozes femininas contribuem com a metodologia científica decolonial na produção científica e no reolhar das comunicações sobre essas comunidades e na criação de novos tipos de organizações que contribuem para a saúde planetária.

Palavras-chave: Comunidades Criativas; Democratização Da Saúde; Pensamento Decolonial; Sustentabilidade Planetária.

Resumen:

La insostenibilidad planetaria suscita reflexiones sobre la globalización, el imperialismo, el colonialismo y el impacto de la epistemología patriarcal eurocéntrica en la construcción científica. El pensamiento decolonial es provocador y reclama una investigación social reflexiva que valore las voces de los pueblos que construyen sus territorios. Esto nos lleva a proponer un informe de experiencia que describe 10 años de investigación sobre Comunidades Creativas, con el objetivo de reflexionar sobre cómo las voces de las mujeres contribuyen a la metodología científica decolonial en la producción científica y en el replanteamiento de las comunicaciones sobre estas comunidades y en la creación de nuevos tipos de organizaciones que contribuyan a la salud planetaria.

Palabras clave: Comunidades Creativas; Democratización De La Salud; Pensamiento Decolonial; Sostenibilidad Planetaria.

Introdução

Mediante a insustentabilidade planetária, causada por modelos econômicos e tecnológicos, praticados predominantemente por países de alta renda, somos provocadas a refletir sobre a globalização, o imperialismo e o colonialismo e levadas a reexaminar a epistemologia eurocêntrica em que o líder patriarcal figura como protetor e salvador do mundo.

Enquanto o mundo globalizado continua a procurar soluções para as consequências da pandemia mais grave em um século (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2024a) as vozes dos representantes dos líderes mundiais conclamam “Todos pela Saúde, Saúde para Todos”, (OMS, 2024b). No entanto, tornou-se de conhecimento público que a catástrofe ocorrida durante a pandemia de covid-19 poderia ter sido evitada, se os líderes dos países de alta renda tivessem gerenciado os recursos no sentido do bem coletivo (Conselho da OMS, 2023).

Em maio de 2023, o próprio Conselho da OMS admitiu que milhões de pessoas morreram desnecessariamente, e quase 100 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza, como resultado de decisões predominantemente econômicas. Segundo o Conselho da OMS (2023) em um ano, 870 milhões de doses excedentes foram acumuladas por países de elevado rendimento, e o conhecimento não foi compartilhado, com a permanência dos direitos de propriedade intelectual nas mãos de algumas farmacêuticas.

Segundo Nambiar, Benny e Sankar (2022) a maioria dos postos de liderança nas estruturas de tomada de decisão do setor da saúde são ocupados por homens, seja nas principais instituições globais e organizações multilaterais, ou no governo e no setor privado. Por outro lado, a pandemia de covid-19 destacou o papel da liderança feminina no enfrentamento dos desafios mundiais da saúde e do sistema de saúde. As mulheres ocuparam vários papéis na governação, na prestação de serviços de saúde e como líderes comunitárias em todo o mundo, demonstrando que a liderança exemplar de mulheres fez uma grande diferença durante estes tempos difíceis (Nambiar, Benny & Sankar, 2022).

Para Nambiar, Benny e Sankar (2022) as normas de gênero predominantes, a discriminação de gênero aberta e múltiplas barreiras dificultam a progressão das mulheres para o posto de liderança e mantém vigente o paradigma da liderança patriarcal. O qual, historicamente, explora as barreiras para a liderança feminina, perpetuando os estereótipos e as dificuldades em alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal para a maioria das mulheres alcançarem o posto de líder (Nambiar, Benny & Sankar, 2022).

A paisagem global do imperialismo, colonialismo e globalização também provoca a refletir os vieses epistemológicos que existem atualmente nos estudos de mídia e cultura, sociologia, antropologia, estudos de área e outras disciplinas acadêmicas que impedem uma teorização desenvolvida de baixo para cima e uma compreensão completa dos fenômenos sociais e culturais (Li, Tsang & Tse, 2023).

Segundo Russell (2022) a saúde devidamente entendida não é uma questão médica, é um desafio social, político, econômico e ambiental dinâmico. Ao abordar os determinantes

sociais mais amplos da saúde, é crítico cultivar caminhos para que a mudança seja conduzida pela comunidade. “Comunidades poderosas e conectadas aumentarão a agência e a autodeterminação de bairros oprimidos e marginalizados, libertando supostos peões do patrocínio da benevolência dos cavaleiros” (Russell, 2022). No Brasil, existem Comunidades Criativas poderosas que contribuem para promover a democratização da saúde e a sustentabilidade planetária, podendo servir de base literária para outras comunidades, no entanto o conceito amplamente disseminado no país vem da Europa e figura na imagem masculina (Correia, 2020).

O pensamento decolonial emerge como um campo de estudo provocador e reflexivo, desafiando paradigmas estabelecidos, buscando compreender a pluralidade dos sistemas culturais e formas alternativas do conhecer vêm sendo construídas. Resultando na necessidade de realizar investigações sociais reflexivas, com potencial de conhecer, ouvir e valorizar as vozes das pessoas que edificam outros sistemas culturais (Cunha & Antonello, 2024).

Essas considerações justificam relatos de experiências que ouçam as nossas próprias vozes, trazendo para o debate acadêmico o impacto da epistemologia eurocêntrica patriarcal na nossa construção científica e na própria produção científica. Levando-nos a propor um relato de experiência, descrevendo os últimos 10 anos de pesquisas sobre Comunidades Criativas, com o objetivo de analisar como as vozes femininas contribuem com a metodologia científica decolonial e no reolhar das comunicações sobre essas comunidades e na criação de novos tipos de organizações que contribuem para a democratização da saúde, e, portanto, da sustentabilidade planetária.

“Descobrimo” as comunidades criativas: uma breve trajetória

Há dez anos, eu tinha 37 anos, mãe solteira, estava concluindo uma residência em Fisioterapia em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) em Curitiba, longe da minha filha, que morava com a minha mãe no interior do Paraná, na cidade de Pinhão. A perspectiva de ficar em Curitiba não era boa, os salários de fisioterapeuta de UTIs eram baixos, cargas horárias de trabalho extensas, com plantões em vários hospitais para poder sobreviver, e morando em um pensionato. Tudo ficava difícil para levar uma criança, até fizemos uma tentativa, mas foi um processo doloroso, minha filha sofreu e voltamos para a casa da minha mãe.

Pouco tempo depois, saiu um edital para seleção de professor colaborador em uma universidade pública na cidade vizinha, em Guarapuava. Parecia ser a minha oportunidade de ouro, era na minha área e não havia profissionais fisioterapeutas com residência em UTI na região. No entanto, a minha inscrição foi indeferida, não consegui participar da seleção. A justificativa foi que a declaração de conclusão da especialização que a faculdade havia emitido não era suficiente, precisava do certificado. Acostumada com os não da vida, comecei a imaginar caminhos alternativos.

Em busca de novas oportunidades, encontrei o Programa de Pós-Graduação em *Design* da Universidade Federal do Paraná (PPGDesign/UFPR), imaginava que poderia contribuir com o desenvolvimento de equipamentos para a reabilitação de pacientes graves. Como

aluna especial fiz três disciplinas, durante dois anos fazia o percurso de carona, de ônibus, sem dinheiro para lanche, mas ia, tinha um sonho de melhorar de vida e desenvolver equipamentos para reabilitar pacientes graves.

Durante a disciplina *Design* para a Inovação Social, em 2014, tive o primeiro contato com o conceito de Comunidades Criativas. A base teórica para descrever essas comunidades vinha da Europa e estava ligada ao nome do *designer* italiano Ezio Manzini. Segundo Manzini (2008) essas Comunidades Criativas nascem quando indivíduos se reúnem para resolverem seus problemas cotidianos da vida contemporânea de forma colaborativa e inventiva, como forma de superar o isolamento trazido pelo individualismo radical (Manzini, 2008).

Ao colocarem em prática sua criatividade, essas comunidades criam soluções desde as corriqueiras até as mais radicais, são grupos que quebram os modelos dominantes de pensar e fazer (Manzini, 2008). Segundo Manzini (2008) às Comunidades Criativas podem tornar-se sementes para novos negócios baseados no conhecimento; incubadoras para a formação de um grande número de trabalhadores do conhecimento; ajudar a criar contextos dinâmicos e tolerantes, os quais são requeridos para iniciar e manter uma vigorosa economia do conhecimento, o que seria a base de uma futura sociedade sustentável baseada no conhecimento.

Segundo Campos (2011) a sustentabilidade alcançou relevante atenção do homem em escala global, com isso diversas medidas e ações vêm sendo tomadas. E esse momento de transitoriedade requer novas práticas sociais, encontradas nas Comunidades Criativas surgidas na Europa (Campos, 2011). Para Federizzi (2014) é por meio das Comunidades Criativas que acontece a geração de novas ideias para os ambientes urbanos, nelas, os sujeitos reúnem-se fisicamente ou virtualmente na construção de novas soluções para os seus cenários. Cipolla (2014) investiga modelos de serviços nascidos de iniciativas de inovação social dentro de Favelas do Rio de Janeiro com o objetivo de projetar modelos de serviços inovadores capazes de fomentar novas oportunidades de Desenvolvimento Local e novas formas de interação entre pessoas e instituições de dentro e de fora da Favela.

Durante a disciplina de *Design* identificamos e analisamos casos de inovação social. Para Chaves e Fonseca (2016) Comunidades Criativas são iniciativas voluntárias de um grupo de pessoas, que se unem para resolver problemas do dia-a-dia de forma colaborativa e participativa. O “Movimento de Mulheres da Primavera”, Guarapuava/PR - estudado por Ione Rodrigues Correia e Louise Clarissa Vendramini, promove a emancipação das mulheres nas esferas financeira, emocional e política (Chaves & Fonseca, 2016). Abaixo segue um trecho desta experiência da qual participei:

Em Guarapuava, no estado do Paraná, um Movimento de Mulheres Primavera chama a atenção por suas ações inovadoras com características de Comunidade Criativa descritas pelo conceito de *Design* para Inovação Social. Em 2002, algumas mulheres da pastoral de Guarapuava perceberam que compunham a maioria das pessoas envolvidas e a partir da Romaria da Terra, adaptaram a romaria para refletir sobre o dia internacional da mulher. O grupo feminista, composto por mulheres com idades e profissões variadas (donas de casa, cabelereiras, advogadas, empregadas domésticas, secretarias, entre outras), estimularam a criação de iniciativas em outros bairros e municípios. As mulheres do movimento adentraram na política, o que é um fato

inovador em uma região onde se estabelece o patriarcado, e elegeram em 2008 a vereadora Eva Scharan.

Em 2016, cheguei a fazer o processo seletivo para o mestrado do PPGDesign. Cheguei a fase final do processo seletivo, a última etapa seria a banca de entrevista. Durante a banca de entrevistas, um dos entrevistadores me perguntou o que eu faria com um mestrado aos 40 anos de idade. Na hora não soube o que responder, perdi as palavras. Trabalhei desde os 8 anos nas casas de mulheres ricas, depois em materiais de construção, voltei a estudar depois dos 30 anos para melhorar a minha vida e a da minha filha, nunca havia pensado na minha idade ou que estava velha, ou que seria impeditivo de alguma coisa. Sai triste, chorei e continuei, eu sempre continuei, mas agora levava um peso a mais.

Havia me inscrito em três opções de mestrado, acabei selecionada para o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro Oeste (PPGDC/UNICENTRO). Com a orientação da professora de administração Raquel Dorigan de Matos, entrei com o projeto “Comunidade Criativa em Desenvolvimento Comunitário”, com o objetivo de criar um centro de pesquisa inserido na comunidade, com a formação de uma rede entre universidades, instituições, poder público, pesquisadores e comunidade local (Correia & Matos, 2018).

Por três anos fiquei maravilhada com essa teoria europeia de estudar Comunidades Criativas e replicá-las na região onde nasci, ofereci o projeto ao prefeito e secretários de saúde, pensava o quanto poderia ajudar em situações críticas de emergências. Até que em uma banca de exposição, uma professora me disse que era um projeto muito avançado para a localidade, que em um curto período como o do mestrado não seria viável. Reavaliei e realmente, nem eu mesma sabia trabalhar usando a *internet*, nunca tive acesso a tecnologias avançadas, não tinha recursos financeiros, como faria isso acontecer? Junto com a minha orientadora resolvemos primeiro analisar o desenvolvimento de redes colaborativas em saúde. E segui, agora, em um processo doloroso de reelaborar um projeto idealizado por três anos.

Vozes femininas no reolhar e no resignificar da ciência

Em 2018, a disciplina “Poder, Estado e Sociedade” ministrada pela professora Raquel Dorigan de Matos, no âmbito do PPGDC/Unicentro foi essencial para uma ampliação de pensamentos. No mesmo ano, devido a perdas na vida pessoal da minha orientadora, optamos em trancar a matrícula do mestrado para não perder o processo seletivo. Enquanto tentava superar o sentimento de que o “meu tempo estava passando”, mergulhei na leitura, um gosto adquirido quando criança e adormecido no labutar da vida. Uma amiga me ofereceu ajuda financeira e enviou um computador e um celular. Com auxílio financeiro e recursos tecnológicos, adquiri uma *internet* melhor, descobri livros nacionais e internacionais importantes. Nesse processo, me tornei mais autônoma, além das leituras indicadas pela orientadora, passei a buscar outras leituras. Já não me contentava com a teoria europeia de Comunidades Criativas, queria saber mais, e foi com essa nova percepção que retomamos a pesquisa.

Quatro autoras tiveram grande influência nessa desconstrução do saber e no meu olhar para as Comunidades Criativas e a sua influência para a democratização da saúde no Brasil. A primeira delas, apresentada pela minha orientadora, a francesa Laurence Bardin, professora de Psicologia, me ensinou a aplicar técnicas da Análise de Conteúdo na investigação psicossociologia e no estudo das comunicações de massas. Bardin (2011) me ofereceu lentes perspicazes, olhos observadores, uma intuição carismática para desvendar a origem das Comunidades Criativas do Brasil. Com os ensinamentos de Laurence, meus olhos encontraram referências nas referências, nas palavras que ligavam um texto a outro autor, a uma outra interpretação, e me levaram à professora de Teatro e Performance, Aristina Iona Albacan do Reino Unido. Aristina me apresentou aos movimentos emancipatórios e a história de Comunidades Criativas que podem ser rastreadas nas vanguardas históricas que se espalharam rapidamente pela Europa entre 1916-1924 e os acontecimentos da década de 1960. Foram eventos de autoria coletiva, interdisciplinares, ao vivo, com forte potencial performático, participativo e emancipatório que visavam reconectar e reconciliar a arte com a vida cotidiana e entre eles a recuperação dos valores societários perdidos (Albacan, 2014).

Laurence me explicou que as Comunidades Criativas não são atuais, que elas respondem a uma gama de tópicos de relevância social, políticos, culturais, artísticos e do cotidiano. Que a colaboração coletiva expressa abertamente a tentativa de emancipar da tirania individual, porém, o pensamento neoliberal globalizado enquadrou como atual. Descobri que os grupos colaborativos modernos relembram as vanguardas históricas, são grupos de relevância social, política, cultural e do cotidiano, lúdicos e libertadores. O poder deles vem em parte da maneira como as práticas sociais antigas que envolvem confiança e colaboração estão sendo mediadas por novas tecnologias de comunicação e computação. É a colaboração coletiva que se reelabora em novas estratégias e técnicas colaborativas contemporâneas no atual contexto (Albacan, 2014).

Nessa aventura literária surge Ana Basting dos Estados Unidos (EUA), professora de inglês, escritora, artista e defensora do poder da criatividade para mudar vidas e transformar sistemas. Ana estuda as Comunidades Criativas de Cuidados, um modelo de desenvolvimento da comunidade cultural com benefícios potenciais para transformar a experiência vivida na demência, baseada em artes para mudar o cuidado com os idosos (Basting, 2018). Além do interesse pela descrição de Comunidades Criativas na área da saúde, Ana sussurrou para mim que a “Pedagogia do oprimido”, do estudioso brasileiro Paulo Freire, era o elo para as Comunidades Criativas brasileiras. Que ele tinha saído do Brasil para ajudá-la a levar as artes comunitárias para o público com demência e descrever o impacto das artes comunitárias na transformação do sistema e da cultura de uma instituição de cuidados de idosos em longo prazo (Basting, 2018).

Ao ligar Paulo Freire às Comunidades Criativas, e estas à educação, surge na voz da professora brasileira de Serviço Social Safira Bezerra Ammann, a evolução do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil sob o impulso dos EUA, das Nações Unidas, da Igreja Católica e dos particularismos das classes dominantes, visando a expansão do sistema capitalista, com a bandeira da Educação de Adultos (Ammann, 1980). É um momento em que os EUA se proclama líder do mundo, sob os argumentos de que os povos

famintos têm mais receptividade para a propaganda comunista internacional e que o esforço em ajudar os povos a alcançarem um nível de vida mais sadio e economicamente mais produtivo resultaria em benefício a todos (Ammann, 1980).

A introdução da literatura produzida nos EUA teve como objetivo estimular a emergência de intelectuais nativos da disciplina para conquistar a participação das populações em projetos de Desenvolvimento Local e Regional (Ammann, 1980). Segundo Ammann (1980) a supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras: como domínio e como direção intelectual e moral. Para Ammann (1980) todo grupo social cria uma ou mais camadas de intelectuais (técnicos, especialistas, organizadores de uma nova cultura), para assegurar a homogeneidade e a consciência de suas funções no campo político, econômico e social.

O relato de Ammann (1980) me levou até 1958, no Segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos, no início de uma nova fase no Brasil. Com a emergência de movimentos questionadores sobre os problemas da Educação de Adultos e da participação política popular. É nesse momento histórico que visualizo Paulo Freire com os primeiros esboços de seu método pedagógico e suas propostas projetadas em nível nacional. As fontes que influenciaram esses movimentos vieram das mais radicais correntes marxistas até as orientações humanistas cristãs europeias, as quais, a essa época, se difundiram rapidamente no país (Ammann, 1980). A Educação de Adultos é então reconfigurada com o objetivo de formar leitores que ampliem as bases de representação da democracia liberal, indivíduos conscientes de sua posição do mundo e da relevância de sua contribuição à mudança das estruturas socioeconômicas do país, vinculando-se à cultura popular (Ammann, 1980).

Demonstrando que os intelectuais podem representar simetricamente tanto os interesses da burguesia, como podem estabelecer um vínculo orgânico com a classe subalterna, passando a determinar e organizar a reforma moral e intelectual. Em tais condições eles representam uma força potencial na luta por uma nova hegemonia na medida em que se comprometem com o desenvolvimento coletivo nacional-popular (Ammann, 1980). No entanto, conforme a democracia e a participação política da população se ampliaram no Brasil, o fim das liberdades democráticas e a repressão como política de Estado foram formuladas, resultando na Ditadura Militar em 1964. Os Movimentos Sociais, como um todo, foram vigiados e controlados pelos órgãos de repressão (Priori et al., 2012).

Comunidades criativas tupiniquins

É durante esse momento histórico que encontro Maria Josefina Rodrigues Coelho e Manoel de Souza Santos, relatando o desenvolvimento de Comunidades Criativas (Imagem 1) em Belo Horizonte e Minas Gerais entre os anos de 1975-1985, durante a Ditadura Militar (Coelho & Santos, 1985).

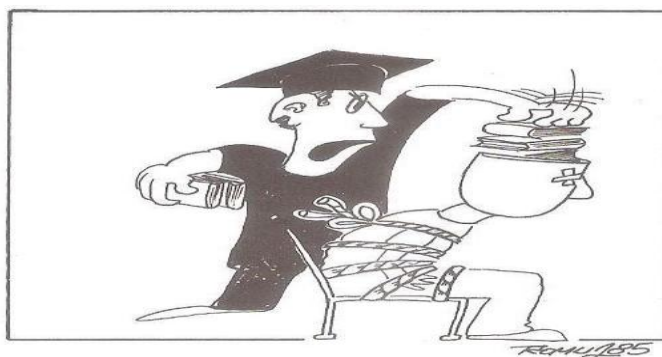
Imagem 1 - Capa do livro *Comunidade Criativa: Fazer Brincando* - Ilustrado por Rômulo Geraldo Garcia e Maria Josefina Rodrigues Coelho



Fonte: Coelho e Santos (1985).

Maria Josefina e Manoel relatam que após a mudança na educação popular e a Greve do ABC paulista em 1980, os Movimentos Populares iniciaram trabalhos comunitários para desenvolver a criatividade das pessoas que fazem parte das comunidades. Segundo Coelho e Santos (1985) as pessoas são criativas mas é difícil pensar criticamente e reelaborar o que está determinado como certo para elas, a escola ensina os ricos a dominarem e os pobres a serem dominados, a aceitar como as coisas estão postas (Figura 2).

Imagem 2 - Educação Dominante

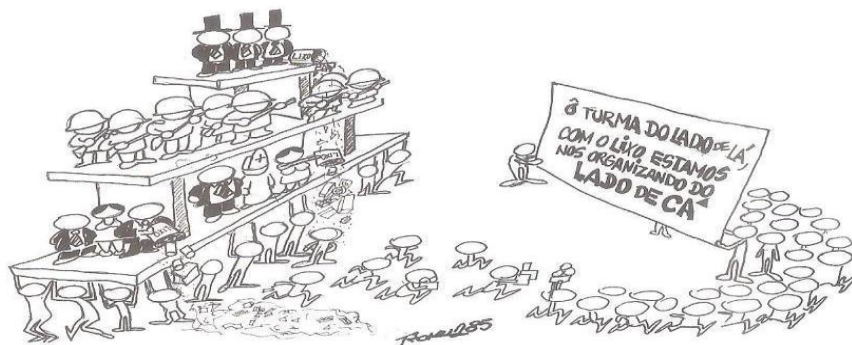


Fonte: Coelho e Santos (1985).

Segundo Coelho e Santos (1985), a ação mais importante é a que contribui para transformar a realidade em ação no Sindicato, na Associação de Moradores, no Partido Político. Para Coelho e Santos (1985) a educação que liberta é a educação que conscientiza, forma lideranças comunitárias e organiza os Movimentos Populares para um novo mundo: justo, livre e fraterno (Imagem 3).

Imagem 3 - O povo se organizando e se libertando

COMO CHEIRA A PITANGA MACHUCADA



Fonte: Coelho e Santos (1985).

As Comunidades Criativas brasileiras representam o incentivo ao debate, as reflexões e a Educação Libertadora. Uma educação crítica sobre a realidade, que valoriza aqueles que fazem o processo produtivo, que discute o porquê da saúde pública não buscar a solução para os problemas de saúde coletiva e que se organiza para mudar o mundo para que todos possam ter o que necessitam para ser feliz (Correia & Gonzaga, 2024). Essas comunidades surgiram em um momento histórico, em que homens e mulheres intelectuais criaram um vínculo orgânico entre eles e com a classe subalterna, fazendo emergir movimentos emancipatórios e libertadores. Dentro desses movimentos, por meio da Educação Libertadora, surgem os intelectuais populares e as lideranças intelectuais populares.

E foi por meio do vínculo entre intelectuais populares e intelectuais universitários que surgiu o Movimento da Reforma Sanitária e posteriormente o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. O Movimento da Reforma Sanitária, com o lema “Saúde e Democracia”, se estruturou nas Universidades e no Movimento Sindical em experiências regionais de organização de serviços (Correia, 2020). Após muita luta, com destaque para a atuação dos Movimentos Sociais (Movimento Sindical e Movimento Estudantil), a Ditadura chegou ao fim em 1985 (Correia, 2020).

Essa atuação ficou impressa nas garantias conquistadas na Constituição de 1988: em seu Artigo 205, estabelece a colaboração como um dos pilares da educação e esta como direito fundamental compartilhado entre Estado, Família e Sociedade; e o Capítulo da Saúde, conquistado por meio de Emenda Popular, a garantia da “Saúde como um direito de todos”. Ficando estabelecidos os princípios básicos sobre os quais o Sistema Único de Saúde (SUS) deveria ser institucionalizado (Correia, 2020).

A importância social dessas primeiras Comunidades Criativas reverbera até os dias atuais. Em meio aos avanços nos campos políticos e sociais, o Brasil avançou tecnologicamente e as Comunidades Criativas evoluíram em Comunidades Criativas Virtuais (Correia, 2020). Em 2003, a professora e médica pediatra Evelyn Eisenstein da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ao tentar

solucionar um caso de difícil conduta, pediu apoio da ONG Missão Médica para Crianças e conseguiu discutir virtualmente o caso clínico com uma equipe médica norte americana da Universidade *Joohns Hopkins*. Dessa Comunidade Criativa nasceu um projeto de Telessaúde na UERJ e expandiu-se progressivamente para todo o estado e todo o território nacional como Telessaúde Brasil Redes, oferecendo serviços de teleconsultoria, telediagnóstico e tele-educação aos profissionais e trabalhadores do SUS com o ideal de democratizar a saúde no Brasil (Correia, 2020).

Outro exemplo, é a conquista do SUS durante a redemocratização do país e sua contribuição durante a pandemia de covid-19. Segundo Machado (2024) durante a crise de covid-19, apesar dos retrocessos nas políticas econômicas e sociais, que se estendeu entre 2016 e 2022, cujos impactos sociais e sanitários extrapolam a morbidade e a mortalidade relacionadas a essa doença, a atuação do SUS, de universidades e de instituições científicas públicas foi fundamental.

Durante a pandemia, atuei em uma organização colaborativa na minha cidade natal, a qual utilizou conhecimentos técnicos aliado a saberes tradicionais populares e telessaúde para atender pacientes de covid-19 em seus domicílios. Demonstrando que o ideal de democratizar a saúde por meio da tecnologia em telessaúde pode contribuir em momentos de crise em saúde mundial. Um momento de grande troca de conhecimentos, de igual para igual, uns aprendendo com os outros, alguns compartilhando conhecimentos populares em cuidados com a saúde domiciliar, como chás e alimentação, passados por mães e avós. Outros levando conhecimentos técnicos de saúde, como a oxigenoterapia domiciliar e cuidados em pacientes graves que exigem formação profissional. E outros, ofertando recursos materiais e/ou humanos para que o máximo de pessoas pudessem ser salvas.

Uma mulher sob o verniz europeu patriarcal

Com uma nova percepção, observei que a teoria europeia de Comunidades Criativas ganhou atenção e se expandiu amplamente nas universidades brasileiras, a partir de uma operação em rede que teve início em 2003, quando foi criada a “Pesquisa Europeia em Demandas de Usuários Emergentes para Soluções Sustentáveis” (EMUDE) - desenvolvido por um consórcio de universidades e centros de pesquisa europeus para pensar o Desenvolvimento Sustentável (Marras, 2008). Entre os anos de 2006 e 2008 teve início a Rede “*Design* para Inovação Social e Sustentabilidade” (DESI), estruturada dentro de escolas, instituições e outras organizações, as quais, dão suporte, promovendo pesquisas e práticas sobre essas iniciativas, tendo como objetivo utilizar o conhecimento de *Design* para recriar cenários e soluções por meio de parcerias locais, regionais e globais (Chaves & Fonseca, 2016). A rede DESI, fundada e presidida por Ezio Manzini, encontra base principalmente no trabalho de Manzini. A rede é formada principalmente por ex-alunos de doutorado do Politécnico de Milão, espalhados por todo o mundo (Cipolla & Afonso, 2015).

Ao refazer a trajetória da rede DESI, é possível observar muitas mulheres pesquisando e analisando a importância das Comunidades Criativas para a sobrevivência das suas comunidades e do planeta. Entre elas, a arquiteta e *designer* industrial Anna Meroni, pesquisadora do Politécnico de Milão, se destaca por ter sido a primeira pessoa a usar a

expressão Comunidades Criativas, no âmbito do *Design* do Politécnico de Milão (Correia, 2020).

Em 2007, Anna Meroni descreveu casos promissores, que ela denominou de Comunidades Criativas, e quebra um paradigma sobre criatividade. Segundo Meroni (2007) os colaboradores criativos não são criativos profissionais, nem são membros de uma elite social investida em papéis institucionais, são pessoas comuns, com problemas comuns, voltadas para o futuro, capazes de compartilhar sua visão com os outros. São pessoas consideradas diferentes porque são capazes de ver e enfrentar os problemas além da obviedade das ideias dominantes, desafiando como esses problemas são normalmente resolvidos e o que é dado como certo. Desta forma, as soluções não são apenas inovadoras em termos da ideia de quem o fará e como se encarregar da resolução de problemas, mas também são inovadoras porque são baseadas no princípio da Rede Colaborativa, em uma economia de reciprocidade (Meroni, 2007).

O mercado em disputa pelas comunidades criativas

Para entender como as Comunidades Criativas chegaram aos holofotes sem as figuras femininas e tendo como representante um líder masculino, é preciso voltar aos anos 1995, quando surge a teoria da “Cidade Criativa” (Correia, 2020). Landry (2008) explica que a Cidade Criativa surgiu no final dos anos 1980 em resposta a tendências emergentes, o entendimento é que sempre há mais potencial em qualquer cidade do que se pensa à primeira vista, onde pessoas comuns podem fazer o extraordinário acontecer se tiverem chance. Para Landry (2008) a criatividade pode vir de qualquer pessoa que adicione e recrie os problemas de maneira inventiva. Criatividade é a imaginação aplicada, usando qualidades como inteligência, criatividade e aprendizado ao longo do caminho. De um lado para o outro da Terra, as cidades estão se esforçando para desenvolver essa faceta de suas economias, antes consideradas injustas. Como as cidades buscam resolver seus próprios problemas, elas encontram respostas que podem ser exportadas (Landry, 2008).

Em 2002, o norte americano Richard Florida lançou a teoria econômica “A Ascensão da Classe Criativa”, na qual, a classe criativa extrai sua identidade do seu papel como provedora de criatividade, como esta é a força motriz do crescimento econômico, em termos de influência, ela se tornou a classe dominante da sociedade atual. E teoriza como seria possível construir uma verdadeira Comunidade Criativa, capaz de sobreviver e prosperar nesta era em ascensão, visto que, as estratégias habituais não são mais eficazes (Florida, 2002). Richard Florida, professor de pesquisa global na Universidade de Nova York, trabalha em estreita colaboração com governos e empresas do mundo todo e alcançou sucesso com grandes marcas do Mercado, conquistando seu lugar nos holofotes publicitários da BMW e da Apple. Em 2013, ele foi nomeado líder de pensamento global pelo Instituto Gottlieb Duttweiler (Correia, 2020).

Em síntese, o conceito europeu de Comunidades Criativas disseminado no Brasil, é em sua base, uma mistura de conceitos estudados anteriormente sobre criatividade e uma teoria econômica norte americana que ganhou a atenção do Mercado em um momento que a ascensão popular ameaçava a dominância dos grupos hegemônicos e a liderança do

patriarcado, com conquistas sociais importantes. Configura-se mais uma vez o pensamento de Marx, agora na voz de Safira Bezerra Ammann: “os pensamentos da classe dominante são também em todas as épocas os pensamentos dominantes” (Ammann, 1980, p.122). Naquela conjuntura as classes hegemônicas detentoras do capital, por ocasião da crise de hegemonia, passam a eleger novos emissários para os pensamentos dominantes, agora com o intuito de dominar a criatividade para transformá-la em produto e imagem do Capital.

Apesar da grande evolução em igualdade, essa reconfiguração deu início a novas disputas históricas, ainda em andamento. Nela, o líder masculino ainda é um grande triunfo do globalismo imperialista no que se refere a colonização de recursos materiais e intelectuais. No entanto, a presença de mulheres em diversos setores criativos e colaborativos da sociedade, visualizadas no enfrentamento da pandemia de covid-19 e no discurso dos líderes mundiais em prol de “todos pela saúde, saúde para todos” pode ser um indicativo de que as Comunidades Criativas estão se reconfigurando para enfrentar essa nova disputa, agora pela saúde planetária.

Por fim: um novo olhar

As contribuições das Comunidades Criativas brasileiras podem ser visualizadas na luta pela educação libertadora, na história da redemocratização do país e na democratização da educação e da saúde. Assim como é notável neste relato de experiência, a contribuição feminina na decolonização de teorias e na construção de cientistas sociais, voltados às suas comunidades. Assim como é visível que não são as particularidades femininas que mais nos impedem de avançar em conquistas e sim a falta de oportunidades e de recursos materiais e imateriais.

Em momentos de maior liberdade e igualdade social observa-se que as barreiras a estereótipos e as dificuldades diminuem, contribuindo para que o equilíbrio social seja alcançado, com a abertura de oportunidades e partilha de recursos, evidenciando as potencialidades e não as dificuldades das mulheres. No entanto, a pandemia evidenciou que os tratados comerciais ainda são mais importantes que o bem-estar coletivo, nos lembrando que o mundo ainda é um mundo capitalista, e alcançar a democratização da saúde ainda é um ideal em andamento, e que envolve muitos fatores, ambientais, sociais, econômicos, educacionais e de igualdade de gênero.

Atualmente, no doutorado, com bolsa de estudos, estou analisando a reconfiguração das Comunidades Criativas e das Redes Colaborativas em tempos de crise sanitária. Durante a pandemia de covid-19, sem a ideia estereotipada de “criar” Comunidades Criativas para “desenvolver” a comunidade a qual pertencço, pude aprender com a comunidade. Ao me permitir criar vínculos orgânicos com as pessoas da comunidade, vivenciei como o conhecimento milenar passado pelas avós e mães em cuidados em saúde domiciliar são importantes e enriquecedores para a prática em saúde coletiva. Um momento doloroso, mas de grande aprendizado, de grande crescimento pessoal e profissional, no qual, aprendi a compartilhar conhecimentos e a reolhar a importância das comunicações.

Ao atuar organicamente com os familiares, amigos e colaboradores sociais em atendimentos a pacientes graves de covid-19 em seus domicílios na região onde nasci, alcançamos o feito de salvar mais de 200 pessoas. Os recursos materiais e financeiros eram poucos mas o conhecimento se multiplicou junto com o afeto e a resiliência que existe nas comunidades. Demonstrando a capacidade das comunidades se reinventarem em criatividade e fraternidade. Sigo sonhadora, retirei os pesos que vão colocando nos nossos ombros ao longo da vida e que não nos pertencem. Hoje coordeno um núcleo de estudos avançados em saúde, com estudantes de graduação de medicina, enfermagem e fisioterapia, com o sonho de contribuir com pesquisas mais próximas às comunidades. Não apenas próximas, mas orgânicas, sem a ideia pré-concebida que "salvaremos" as comunidades, mas que junto com elas podemos conciliar saberes e construir caminhos melhores, mais humanos, mais igualitários e portanto mais sustentáveis.

Agradecimentos

A orientação da professora Raquel Dorigan de Matos do PPGDC/Unicentro e o apoio da fisioterapeuta holística Anita Lucia Simon Rizzatti e família. O presente trabalho foi realizado com apoio do PPGDC/Unicentro e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Albacan, A. I. (2014). *Flashmobs as performance and the re-emergence of creative communities*. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, 4(1), 8–27.
<https://doi.org/10.1590/2237-26602014000100008>
- Ammann, S. B. (1980). *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Basting, A. (2018). *Building creative communities of care: Arts, dementia, and hope in the United States*. *Dementia*, 17(6), 744–754.
<https://doi.org/10.1177/1471301217740959europemc.org+1Wikidata+1>
- Campos, R. B. M. (2011). *Comunidades criativas: o papel estratégico do designer* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Minas Gerais].
<https://pt.scribd.com/document/389538192/Comunidades-Criativas-o-Papel-Estrategico-Do-Designer>
- Chaves, L. I., & Fonseca, K. F. O. (2016). Design para inovação social: uma experiência para inclusão do tema como atividade disciplinar. *Revista de Pesquisa*, 11(15).
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6747>

- Cipolla, C. (2014). Service design and favelas in Rio de Janeiro. *Blucher Design Proceedings*, 1(4), 1–7. <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/service-design-and-favelas-in-rio-de-janeiro-12864>
- Coelho, M. J. R., & Santos, M. S. (1985). *Comunidade criativa fazer brincando*. São Paulo: Editora Paulinas.
- Conselho da Organização Mundial da Saúde. (2023). *Health for all: Transforming economies to deliver what matters – Final report*. Genebra: OMS. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240080973>
- Correia, I. R. (2020). *A evolução das comunidades criativas para grandes redes colaborativas: Caso Telessaúde Brasil Redes* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Centro-Oeste]. <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/1532>
- Correia, I. R., & Gonzaga, C. A. M. (2024). O desenvolvimento de comunidades criativas e sua evolução para redes de telessaúde. In M. A. Larson et al. (Orgs.), *Sustentabilidade, saúde e desenvolvimento comunitário* (pp. 1–20). Curitiba: Ed. CRV. <https://drive.google.com/file/d/1zdC-7mZOJ1nMJmKu9zq7g9kanzAEboz/view>
- Correia, I. R., & Matos, R. D. (2018). Redes criativas mediadas por tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento comunitário. In *CIET: EnPED: Eixo 5 - Educação e Tecnologias: Pesquisa e produção de conhecimento*. <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/1042>
- Cunha, C. C., & Antonello, I. T. (2024). O diálogo entre os saberes científicos e popular: Da decolonização à práxis territorial. *Revista de Políticas Públicas*, 28(1), 164–180. <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/23967/12823>
- Florida, R. (2011). *A ascensão da classe criativa: E seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano* (A. L. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Editora L&PM.
- Landry, C. (2008). *The creative city: A toolkit for urban innovators* (2ª ed.). Londres: Earthscan.
- Li, X., Tsang, L. T., & Tse, T. (2023). Pluralising China as method: Decolonising cultural mediations in the global South. *Global Media and China*, 8(4), 433–441. <https://doi.org/10.1177/20594364231216265>

- Machado, C. V. (2024). Democracia, cidadania e saúde no Brasil: Desafios para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(7). <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n7/e02192024/pt/>
- Manzini, E. (2008). *Design para a inovação social e sustentabilidade* (C. Cipolla, Coord.). Rio de Janeiro: E-papers.
- Meroni, A. (Ed.). (2007). *Creative communities: People inventing sustainable ways of living*. Edizione POLI.design. https://www.academia.edu/877752/Creative_Communities_People_inventing_sustainable_ways_of_living
- Nambiar, D., Benny, G., & Sankar, H. (2022). Bargaining with patriarchy through the life course: Obstacles faced (and overcome) by women leaders in Kerala's health sector. *International Journal for Equity in Health*, 21(1), 146. <https://doi.org/10.1186/s12939-022-01744-y>
- Organização Mundial da Saúde. (2024a). "Todos pela saúde, saúde para todos" prepara o cenário para a septuagésima sétima Assembleia Mundial da Saúde. <https://www.who.int/news/item/23-05-2024-all-for-health--health-for-all--sets-the-stage-for-the-seventy-seventh-world-health-assembly>
- Organização Mundial da Saúde. (2024b). Septuagésima sétima Assembleia Mundial da Saúde. <https://www.who.int/about/governance/world-health-assembly/seventy-seventh>
- Politécnico di Milano. (2019). Anna Meroni: Creative communities. People inventing sustainable ways of living. <https://re.public.polimi.it/handle/11311/532286>
- Priori, A., Pomari, L. R., Amâncio, S. M., & Ipolito, V. K. (2012). A ditadura militar e a violência contra os movimentos sociais, políticos e culturais. In *A ditadura militar e a violência contra os movimentos sociais, políticos e culturais* (pp. 199–213). Maringá: Eduem. <https://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-15.pdf>
- Russell, C. (2022). Apoyar la participación comunitaria en la pandemia. *Gaceta Sanitaria*, 36(2), 184–187. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2021.01.001>